

A cadeira de História Moderna e Contemporânea: um espaço de crítica e renovação do ensino da história

*Marieta de Moraes Ferreira**

1. Introdução

A proposta deste texto é apresentar a trajetória de Maria Yedda Linhares, tendo como eixo central sua atuação à frente da cadeira de História Moderna e Contemporânea da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), da Universidade do Brasil (UB). A recuperação da sua atividade docente prende-se a um duplo objetivo: homenagear a professora Maria Yedda Linhares e contribuir para o conhecimento de experiências do ensino da história no país e das formas de funcionamento da universidade brasileira.

Os concursos para livre docente e para titular, realizados, respectivamente, em 1953 e em 1957, marcaram uma nova fase na carreira de Maria Yedda, garantindo-lhe o posto de professora catedrática da FNFI. Inaugurando uma nova maneira de organizar os cursos de História, não só na sua área específica, mas também em relação às demais cadeiras, Maria Yedda transformou sua cátedra num espaço de renovação, destinado a formar uma nova geração de professores. Sua preocupação central era não apenas discutir as formas de construção do conhecimento histórico, como também criar um fórum de discussão, um centro polarizador de diferentes atividades voltadas para o debate de temas contemporâneos.

Suas iniciativas inovadoras foram interrompidas pela reforma universitária implementada em 1968 e que extinguiu o sistema de cátedras, alterando toda a estrutura das universidades brasileiras e em particular a da Universidade do Brasil, então transformada em Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Maria Yedda, que desde o golpe militar de 1964 tinha se posicionado contra o novo regime, com a decretação do Ato Institucional nº.5, teve seus direitos políticos cassados e foi afastada dos quadros da universidade.

* Doutora em História Social. Professora do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro-IFCS/UFRJ. Diretora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas-CPDOC/FGV. Presidente da International Oral History Association-IOHA. Agradeço a Sergio Lamarão pela revisão dos originais deste texto.

2. A Universidade do Brasil e a Faculdade Nacional de Filosofia

A cadeira de História Moderna e Contemporânea tinha uma tradição de qualidade e competência desde o tempo da Universidade do Distrito Federal, criada em 1935. Nesse ano, para colaborar na criação dos cursos de História e Geografia da universidade recém-constituída, foi articulada a vinda de professores franceses. Dentre os convidados, merece destaque especial a figura de Henri Hauser, professor da Sorbonne, responsável pela criação da cadeira de História Econômica naquela universidade e que, no Brasil, desempenhou um papel importante na formatação da cadeira de História Moderna. A atuação de Hauser foi igualmente importante na difusão de uma nova concepção de história econômica e social, conectada com os movimentos de renovação da disciplina História na França (Ferreira, Marieta de Moraes. 1999).

Durante o período inicial de constituição dos cursos de história, a disciplina História Contemporânea ficou a cargo de Carlos Delgado de Carvalho e, ao que tudo indica, mantinha-se separada da cadeira de História Moderna. Durante essa fase, a ênfase do conteúdo do curso recaía sobre História Universal, cabendo à História do Brasil e à História da América um lugar secundário. Encerrada a experiência da Universidade do Distrito Federal, em 1939, seus cursos foram absorvidos pela recém-criada Universidade do Brasil.

A Universidade do Brasil foi criada no Rio de Janeiro em 1937 e a Faculdade Nacional de Filosofia era uma das suas 15 escolas. Com a consolidação da nova Universidade e da Faculdade Nacional de Filosofia, a ela vinculada, foram abertos espaços para uma nova missão universitária francesa. Dois professores, Victor Tapié e Antoine Bom, vieram participar desta nova etapa da criação dos cursos de História no Rio de Janeiro.

Victor Tapié chegou ao Brasil em 1939, aqui permanecendo até 1942. Durante este período foi o responsável pela cadeira de História Moderna, dando continuidade a experiência anterior de ficar esta disciplina a cargo de um professor francês. Por sua vez, a cadeira de História Contemporânea continuava entregue a Delgado de Carvalho (Ferreira, M. 1999).

De acordo com Maria de Lourdes Fávero (Fávero, 2000, p. 89), de 1937 até 1968 o poder nas universidades estava concentrado na órbita dos catedráticos, único segmento que tinha expressão na direção acadêmico-administrativa das escolas, no Conselho Técnico-Administrativo e na Congregação. A estrutura da Faculdade Nacional de Filosofia comportava o Departamento de História, o qual, por sua vez, incluía as cátedras de História

Antiga e Medieval, de História da América, de História do Brasil, História Moderna e Contemporânea, para citar aquelas relacionadas aos estudos específicos de História.

3. Delgado de Carvalho e a cátedra de História Moderna e Contemporânea

Filho de pais brasileiros, Delgado de Carvalho nasceu na França e fez sua formação na École Libre des Sciences Politiques. Para obter seu diploma elaborou uma monografia cujo tema foi um estudo sobre a geografia do Brasil Meridional, o que permitiu seus primeiros contatos com o Brasil¹.

Estabelecendo-se em caráter definitivo no Brasil em 1919, logo em seguida candidatou-se ao posto de professor do Colégio Pedro II, onde lecionou Sociologia. Posteriormente, ingressou no Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, vindo a participar, ao lado de um grupo de educadores da Escola Nova, na luta pela renovação do ensino no Brasil. Em 1935 ingressou como professor na Universidade do Distrito Federal onde lecionou História Contemporânea e Geografia. Em 1939 foi nomeado professor catedrático de Geografia do Brasil da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, permanecendo nesta função até 1942, quando foi exonerado².

As circunstâncias e o momento exato de criação da cátedra de História Moderna e Contemporânea e a nomeação efetiva de Delgado de Carvalho para ocupá-la não estão completamente esclarecidas, de acordo com a documentação existente.

Sabe-se que em 1942, Victor Tapié regressou à França, deixando de ministrar a disciplina História Moderna. No ano seguinte, o diretor da Faculdade deu as boas-vindas aos novos catedráticos, Victor Nunes Leal, da Política, e Carlos Delgado de Carvalho, de História Moderna e Contemporânea³. Embora não haja informações mais detalhadas, pode-se supor que a partir deste momento Delgado de Carvalho passou a ser professor efetivo da Faculdade e catedrático de História Moderna e Contemporânea. A conquista desta posição não se deu através de um concurso público, mas por nomeação do ministro da Educação, Gustavo Capanema.

¹ Ver depoimento de Maria Yedda Linhares concedido a Marieta de Moraes Ferreira. In: *Estudos Históricos*, nº 10, 1992, pp. 216-236.

² Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC/FGV - Série Ministério da Educação e Saúde. GCg 39-07-15, rolo nº 39, fotograma nº 366.

³ Ata da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia de 8 de junho de 1943

Durante os anos de 1944 e 1945 foram intensas as discussões acerca dos procedimentos a serem adotados para a regularização da situação do corpo docente da Faculdade Nacional de Filosofia. De acordo com uma avaliação de 1942, dentre as 40 cadeiras existentes nesta faculdade apenas seis professores eram efetivos. Ata da faculdade, datada de 28 de agosto de 1945, revela que no final do Estado Novo esta situação não estava plenamente resolvida e que as tentativas de organização de concursos públicos não se efetivaram⁴.

De qualquer modo, foi a partir de 1945, com a queda do Estado Novo e a inauguração do processo de redemocratização que a Universidade do Brasil teve seus contornos melhor definidos, tanto do ponto de vista da sua concepção de ensino e pesquisa, quanto de sua estrutura administrativa e financeira. A Faculdade Nacional de Filosofia manteve-se como uma das 18 unidades dedicadas ao ensino e à pesquisa. (Fávero, 2000: 91).

Foi nesse novo quadro que a cátedra de História Moderna e Contemporânea, sob a responsabilidade de Delgado de Carvalho consolidou-se. Em 15 de janeiro de 1946 a congregação da faculdade aprovou a indicação de “licenciada Maria Yedda Linhares” para a função de assistente de ensino da cadeira de História Moderna e Contemporânea⁵. Nesta ocasião a cátedra contava também com outro assistente, Antero Manhães. O regimento interno que definia as disciplinas do curso de História e Geografia atribuía duas disciplinas à cátedra de História Moderna e Contemporânea: História Moderna, ministrada no terceiro ano, e História Contemporânea, no quarto ano (ver Anexo).

De acordo com o depoimento de Maria Yedda Linhares, sua atuação como assistente começou de maneira modesta e lateral:

Logo de início me coube trabalhar com a questão do Oriente. Juro que não sabia o que era a questão do Oriente! Fui estudar, e acabei sendo levada a me fixar na história das relações internacionais. Percebi que os alunos não sabiam nada e que aquela seria uma maneira não apenas de eu mesma aprender, como de dar chance aos alunos de terem uma visão muito mais ampla da história mundial. Fui descobrindo a bibliografia, fui estudando, e acabei me ligando muito à história das relações internacionais⁶.

⁴ Ata da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia de 28 de agosto de 1945 e de 1 de dezembro de 1942.

⁵ Ata da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia de 15 de janeiro de 1946.

Maria Yedda Linhares nasceu no Ceará em 1921. Em 1933, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde realizou seus estudos secundários. Em 1939, ingressou no curso de História da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil. No segundo ano, recebeu uma bolsa de estudos para estudar História na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, onde permaneceu até 1942. De regresso ao Brasil, reiniciou seus estudos na FNF, diplomando-se em 1945.

⁶ Esta citação, bem como as seguintes, foram extraídas do depoimento de Maria Yeda Linhares concedido Marieta de Moraes Ferreira, já referenciado.

O interesse de Maria Yedda pela área de relações internacionais derivava em parte da percepção da dificuldade de se fazer uma história moderna e contemporânea européia de boa qualidade, baseada em pesquisas com fontes primárias aqui no Brasil. Nos cursos de Delgado de Carvalho, não havia uma preocupação maior com a realização de pesquisas. Ainda segundo Maria Yedda, a concepção de Delgado de Carvalho calcava-se na oferta para os alunos de cursos gerais, amplos, introdutórios, sem qualquer pretensão a desenvolver qualquer tipo de pesquisa ou qualquer crítica bibliográfica, historiográfica.

O que ele fazia era interpretação de texto, e isso já foi uma grande contribuição. Delgado de Carvalho foi uma pessoa extraordinária na sua época. Agora, não se pode dizer que ele fosse um scholar americano. Era um grande professor de francês, preocupado em dar uma visão global sobre tudo.

Maria Yedda dava prosseguimento às suas atividades como assistente até que, em 1953, surgiu a oportunidade de fazer o concurso de livre docente. A morte prematura e inesperada do assistente mais antigo, Antero Manhães, e a proximidade da aposentadoria de Delgado colocaram com urgência a necessidade de preparar um novo candidato para sucedê-lo. Maria Yedda iria enfrentar esse desafio e cumprir essa tarefa inesperada.

A banca do concurso foi constituída pelos Eremildo Viana e Vitor Nunes Leal, indicados em 21 de outubro de 1953 pela congregação da Faculdade Nacional de Filosofia, e pelos professores Jaime Coelho e Roberto Aciolli, escolhidos pelo Departamento de História. A presidência da comissão, de acordo com determinação regimental, coube ao professor Delgado de Carvalho⁷. A respeito desse concurso, Maria Yedda assim se pronunciaria anos depois:

Eu não queria, não me considerava preparada, nem do ponto de vista dos conhecimentos necessários, nem psicologicamente. Era jovem, tinha filhos pequenos, queria esperar que crescessem um pouco para poder passar um ano na Europa estudando. Mas o professor Delgado se sentiu desamparado, e eu acabei fazendo às pressas, no prazo irrisório de seis meses, um trabalho a que se pode dar o nome de tese, mas que eu pessoalmente nunca considerei como tal.

Preparei um trabalho sobre um tema que eu tinha condições de tratar. Como eu gostava de política internacional, e naquele momento estava ocorrendo uma crise muito grave entre Egito e Inglaterra em torno do canal de Suez e do Sudão, mandei buscar a documentação recente, que me faltava, e fim um trabalho

⁷ Ata da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia de 21 de outubro de 1953.

chamado *As relações anglo-egípcias e o Sudão*, analisando a crise de 1951. Um trabalho extremamente inusitado naquele momento, porque era uma história muito contemporânea e muito vinculada à política internacional. Era bastante interessante, mas não era aquela tese de pesquisa que eu gostaria de ter feito. Eu me senti muito frustrada.

Maria Yedda foi bem-sucedida no concurso, realizado em 1954, e obteve o título de livre docente⁸. No ano seguinte Delgado de Carvalho se aposentou e Maria Yedda assumiu interinamente a cátedra, inscrevendo-se logo depois para o concurso de catedrática de História Moderna e Contemporânea. Em março de 1957 a congregação da Faculdade Nacional de Filosofia aprovou a Comissão Examinadora do concurso, integrada por Jaime Coelho, Amaro Quintas, Eduardo França, Sílvio Júlio e Eremildo Viana⁹.

A essa altura, Maria Yedda já começava a imprimir uma marca nova na cadeira, então sob a sua responsabilidade. Para a reestruturação da cátedra de História Moderna e Contemporânea, ela contava com o auxílio de dois assistentes, Hugo Weiss e Francisco Falcon, que, em agosto de 1956, foi admitido no lugar de Eugênia Damasceno Vieira Prado, que pedira dispensa da função.

No primeiro semestre de 1957 Maria Yedda dedicou-se a elaborar sua tese e na ata de agosto de 1957, a congregação parabenizava-lhe “pelo brilhantismo do concurso para a cátedra de História Moderna e Contemporânea”¹⁰. Novamente, ela trabalhava com tema na área de relações internacionais, enfocando, desta vez, a política francesa no Marrocos no princípio do século XX. O eixo central da tese, intitulada *A queda de Delcassé: um problema de interpretação histórica*, era a análise da crise francesa do princípio do século, com o problema do radicalismo, da república, e estudava sobretudo a atuação do ministro das Relações Exteriores, Delcassé, responsável pela política de expansão da França, especificamente no caso do Marrocos, e pelo engendramento da grande política de alianças com a Inglaterra. A partir de então, se criaram os dois grandes blocos de alianças na Europa pré-Primeira Guerra Mundial, o russo-anglo-francês e o austro-alemão.

Ao final do concurso, Maria Yedda teve novamente uma sensação de desconforto por acreditar que aquele não era o caminho que a universidade deveria trilhar. Na sua avaliação, sua tese era ensaística.

⁸ Ata da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia de 15 de junho de 1954.

⁹ Ata da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia de 14 de março de 1957.

¹⁰ Ata da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia de 06 de agosto de 1957.

Apoiada em documentação, formalmente dentro do figurino, mas na minha opinião, precária. Não era possível uma pessoa do Rio de Janeiro fazer uma tese de cátedra sobre um aspecto da política francesa do início do século, por mais relevante que fosse esse aspecto. De qualquer maneira, fiz a tese e defendi com grande galhardia.

Fui a primeira catedrática mulher da Faculdade de Filosofia...

Mas aqueles eram outros tempos, apesar da existência do Conselho de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), mais tarde Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, não havia ainda um sistema institucionalizado de pós-graduação. As poucas bolsas distribuídas eram direcionadas para as áreas médica e tecnológica, que já contavam com laboratórios com alguma experiência de pesquisa. A área de História estava longe de desenvolver linhas de pesquisas mais consistentes.

4. A cadeira de História Moderna e Contemporânea e a opção pela formação de professores

Como catedrática de História Moderna e Contemporânea Maria Yedda, auxiliada pelos seus dois assistentes, Hugo Weiss e Francisco Falcon, iria formatar de maneira mais acabada os cursos. O ponto de partida era a sua experiência como aluna nos Estados Unidos:

Os dois anos que passei nos Estados Unidos foram decisivos para mim. Se houve um *tournant* na minha vida, se houve um momento em que a minha cabeça realmente mudou, foi nos Estados Unidos. Foi lá que aprendi como se organiza um curso, como deve ser uma universidade. Lá eu percebi que o que havia aqui não era uma universidade, era quase uma escola secundária, que não tinha a preocupação de formar, orientar ou conduzir ninguém. Era cada um por si e Deus por todos. Meu grande sucesso como catedrática deveu-se ao fato de eu ter implantado aqui o sistema americano.

Foi muito importante para mim aquela idéia de que o aluno tem que sair como o conhecimento global da matéria, sendo capaz de discutir as principais questões do seu país. Eu estava preocupada em levantar grandes questões. Ao mesmo tempo, em função de uma formação ilustrada à la século XVIII, eu achava que cabia aos que detinham o poder decidir o que devia ser feito, o que era melhor para os alunos. Naquela época não havia assembleísmo, não havia consulta a alunos, não havia reunião de departamento. A montagem da cadeira foi assim alvo de grandes

reflexões e conversas minhas com o Falcon. Antes de qualquer coisa, construímos uma bibliografia. Formamos nossas séries de revistas, de documentos publicados, de livros importados, e a partir dessas leituras foram emergindo as nossas problemáticas.

Seguindo essa orientação, Maria Yedda definiu com clareza o objetivo central de sua atuação - formar bons professores.

Nós estávamos imbuídos da certeza de que era fundamental formar bons professores de história, com conhecimento amplo e capacidade crítica, os quais por sua vez iriam ajudar a formar as novas gerações de cidadãos que iriam construir o país. Isto não quer dizer que estivéssemos subordinados a qualquer linha político-partidária. Apenas achávamos que a história, bem aprendida, bem concebida, poderia ser útil à sociedade, poderia ajudar a minorar as desigualdades. Hoje não penso mais assim, mas na época pensávamos dessa forma. E isso nos levou a estar sempre reformulando o curso. E nesse particular meu papel foi decisivo. Assumi plenamente a cadeira de História Moderna e Contemporânea, tomava todas as decisões e dava as orientações. Quando eu fazia uma reunião com os professores, até que ouvia muito, mas já chegava com o plano completo do que eu queria que fosse feito. Talvez aí eu fosse autoritária, mas a execução do plano era democrática. Fazíamos reuniões longas, discutíamos os conteúdos etc. Mas sempre a estrutura global era dada por mim. Eu tinha aquela experiência americana, e mais um segredo que vou contar. Naquela época meu marido estava cursando a Escola Superior de Guerra e trazia para casa aquela documentação com os métodos de trabalho deles. Esse material me foi muito útil – quero deixar claro que isso não implicava qualquer concordância da minha parte com a Escola Superior de Guerra, que eu já via com espírito crítico. Mas algumas idéias eram boas. Por exemplo, terminar o curso com uma monografia. Eu introduzi a monografia para terminar a quarta série. Não era nada de extraordinário, coincidia com os cursos americanos que eu havia feito. Organizar trabalhos de grupo e de turma. Sob esse aspecto o documento deles era muito interessante, muito objetivo.

O sucesso e a eficácia desta forma de ensino deveu-se em grande parte a competência de Maria Yedda em selecionar seus assistentes e estruturar uma equipe que atuava plenamente sintonizada.

A cadeira de História Moderna e Contemporânea, então, funcionava da seguinte maneira: dávamos um ano de História Moderna na segunda série, um ano de Contemporânea na terceira, e mais um curso de aperfeiçoamento na quarta. O que é importante que o aluno saiba em História Moderna? Renascimento, Reforma, formação do Estado absolutista, século XVII, Iluminismo no século XVIII,

Revolução Inglesa, Revolução Francesa, e por aí vai. Elegíamos alguns temas por semestre e os distribuíamos entre nós professores. Por exemplo, no primeiro semestre Falcon dava Reforma e Contra-Reforma, eu dava Rússia, a formação do Estado moscovita até a chegada dos Romanov, Eugênia podia dar Províncias Unidas, e Hugo, a formação do Estado francês. No segundo semestre, com esse mesmo modelo, relativamente monográfico, dávamos mais ênfase ao século XVIII. Vamos supor que num determinado ano essa fosse mais ou menos a estrutura do curso de História Moderna. Isso constava de um documento que explicitava os conteúdos curso por curso, os objetivos a serem atingidos, o conhecimento a ser alcançado. É claro que isso implicava uma visão historiográfica de cada tema, dos problemas suscitados pelos historiadores, de como foi construído o conhecimento sobre aquele assunto. Ao discutirmos a historiografia, íamos dando o relato histórico, e sempre com apoio de mapas. Tínhamos uma mapoteca de primeira ordem.

No primeiro dia de aula havia uma reunião dos alunos com os professores, e aquele documento, referente aos cursos dos dois semestres, era lido e discutido. Cada professor explicava o que pretendia fazer. Havia um cronograma rigoroso, semana por semana, com a matéria a ser dada e os trabalhos a serem apresentados. Havia uma bibliografia a ser lida, e os livros já estavam lá, à disposição dos alunos. Eles teriam que fazer resumos, trabalhos de grupo, trabalhos individuais, que eram pequenas monografias. Paralelamente, entregávamos aos alunos um pequeno volume sobre os métodos de trabalho da cadeira: o que é trabalho de grupo, o que é interpretação de texto. Digamos que o texto fosse uma carta de fulano de tal, escrita em tal data. Era preciso dizer o que estava ocorrendo naquele momento, quem era o rei da França, da Inglaterra etc. Se houvesse alguma data referida no texto, tinha que ser rigorosamente explicitada; os nomes próprios idem; os nomes de lugar também. Os alunos tinham que seguir esse esquema. Se não seguissem, podia ser a coisa mais genial do mundo que nós recusávamos. Era para obrigá-los a ter um método de análise.

O projeto da cátedra de História Moderna e Contemporânea inovando tanto na adoção de procedimentos didático-pedagógicos quanto na busca de novos temas que suscitasse problemas e debates, refletia as transformações em curso na sociedade brasileira dos anos 50 e 60.

Após o fim da Segunda Grande Guerra e sobretudo a partir dos anos 1950, o Brasil passou por mudanças significativas em sua estrutura produtiva. A grande meta a ser atingida era o desenvolvimento econômico, sendo a industrialização e a urbanização elementos fundamentais desse processo. Houve uma maior diversificação da atividade industrial, impulsionada ao longo do conflito mundial pela necessidade de substituição das

importações. Ao mesmo tempo que a indústria se fortalecia, o Estado assumia um papel fundamental como agente do desenvolvimento econômico. No decorrer desse processo, intensificado no 2º governo Vargas (1951-1954) e ainda mais no governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), surgiram novos segmentos intelectuais com perfil diferente daqueles de formação essencialmente humanística. Despontaram novos grupos de influência, constituídos por profissionais com conhecimentos técnico-científicos, muitos deles engajados na formulação de políticas de desenvolvimento. Paralelamente, intensificava-se o processo de formação de uma sociedade que reclamava não só bens de consumo, mas também bens culturais.

O espírito do novo, a vontade de mudança transcenderam as esferas econômica e política e contaminaram o domínio das artes e da cultura. Importantes movimentos no campo artístico nasceram e/ou tomaram novo impulso na segunda metade da década de 1950. Surgiram novas formas de conceber o cinema, o teatro, a música, a poesia e as artes plásticas, em decorrência de uma reflexão crítica acerca da produção existente e das linguagens vigentes em cada um desses domínios. Como sintetiza Mônica Kornis:

O *design* arrojado e o concretismo, nas artes plásticas e na poesia, são a marca dos anos 50. No final da década começam a surgir manifestações que a seguir tomariam corpo nos movimentos da Bossa Nova, Cinema Novo, Teatro do Oprimido e música de protesto. Buscam-se, enfim, novas formas de expressão artística, capazes de integrar cultura, modernidade e desenvolvimento.¹¹

Esse movimento geral, que se identificava como revolucionário na medida em que buscava construir um “novo”, possuía uma ampla dimensão: pretendia identificar e sintetizar elementos da cultura e da sociedade brasileiras, integrando-os a expressões artísticas oriundas de experiências realizadas fora do país. A par da construção do novo, a produção cultural do período caracterizou-se pela valorização do popular como o fundamento mais genuíno da nacionalidade brasileira. A efervescência do movimento cultural sintonizava-se tanto com o espírito nacionalista que crescia na época, quanto com a crença nas possibilidades de desenvolvimento e transformação do país.

Nesse quadro, a História aparecia como um instrumento de reflexão crítica voltado para as mazelas tanto da universidade quanto as da sociedade em geral. No caso da universidade a questão que se colocava era como mudar a universidade, como ter uma universidade capaz

¹¹ Mônica Kornis. *As vanguardas artísticas: um compromisso com a modernidade*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992 (documento de trabalho).

de gerar conhecimentos, de renovar conhecimento, capaz de criar ciência e não apenas ficar repetindo erudição livresca.

Havia uma grande esperança de transformar o país e acreditava-se que a universidade poderia ser uma frente de mudanças. A História poderia ser um dos instrumentos através da formação de professores.

Ainda que a cadeira de Moderna e Contemporânea estivesse impossibilitada de realizar pesquisas sobre História do Brasil e a própria cadeira de História do Brasil, dirigida por Hélio Viana, tivesse uma atuação extremamente conservadora, inviabilizando qualquer tipo de intercâmbio entre as duas áreas, Maria Yedda e seus assistentes fizeram de sua disciplina um espaço de debate e reflexão. Além dos cursos regulares, o debate e as atividades culturais eram permanentes. Organizaram-se eventos, convidaram professores e especialistas de diferentes áreas para palestras e mesas redondas. Temas de atualidade eram debatidos.

Naquela época estavam ocorrendo os movimentos nacionalistas na Ásia e na África, as guerras de libertação, e eu já tinha muito trabalho nesse campo. A cadeira de História Moderna e Contemporânea foi um centro polarizador de muitas atividades públicas, promovia seminários, debates, convidava pessoas de fora, jornalistas. Era um fórum permanente de discussão sobre os movimentos de libertação africanos e asiáticos. Fui muito engajada nisso, sobretudo no início dos anos 60. Quando se começou a discutir a política externa independente do Brasil, me envolvi até a raiz dos cabelos. Acho que, no conjunto, desempenhamos um papel muito importante na Faculdade de Filosofia. A Faculdade de Filosofia era uma imensa caixa de ressonância. Os militares olhavam aquilo com muita desconfiança, e nós estávamos sendo observados, analisados e fichados sem saber. Estávamos certos de que a nossa luta era muito ingênua: estávamos lutando pela liberdade, igualdade, fraternidade, contra o imperialismo e o colonialismo. Isso para nós não tinha nada de subversivo. Até hoje acho que não tem. É uma luta necessária do povo brasileiro.

O grande destaque que a cadeira de História Moderna e Contemporânea ganhou nos anos seguintes deveu-se não só a qualidade dos cursos que oferecia, mas também à atração que exercia sobre uma nova geração de alunos, ávidos em ampliar seus conhecimentos e em se engajar no processo de mudanças em curso na sociedade.

Um grande número de alunos da Faculdade Nacional de Filosofia passou pelos cursos da professora Maria Yedda e seus assistentes e todos são unânimes em ressaltar sua qualidade. A título de exemplo, ouvimos as professoras: Alzira Alves de Abreu, Heloísa

Fesch Menandro e Janaína Amado, que, em momentos diferentes, freqüentaram os cursos oferecidos pela cadeira de História Moderna e Contemporânea.

Alzira Alves de Abreu¹² ingressou no curso de História e Geografia em 1955, concluindo-o em 1958. Assistiu, como aluna, ao concurso de catedrática de Maria Yedda Linhares, o que naquela circunstância já distinguiu Maria Yedda de todos os outros professores aos olhos de seus jovens alunos. Segundo seu depoimento, no quadro geral da licenciatura os cursos oferecidos pela cadeira de História Moderna e Contemporânea apresentavam-se como extremamente inovadores, tanto no que diz respeito à qualidade dos professores (Maria Yedda e Francisco Falcon), quanto o nível de profundidade dos temas abordados.

Diferentemente de todos os demais cursos, nos quais os professores sequer apresentavam uma bibliografia, limitando-se apenas a aulas expositivas, ou ainda como na cadeira de História do Brasil, ocupada por Hélio Viana, onde só as obras do próprio professor eram lidas com a obrigação de decorar listagens de nomes e lugares – as aulas dadas por Maria Yedda e Falcon eram um estímulo ao debate e ao desenvolvimento do espírito crítico. De acordo ainda com Alzira de Abreu, não só os temas escolhidos — tais como Revolução Chinesa, Revolução Russa, descolonização dos países africanos — como a bibliografia indicada (quase toda em francês e inglês) e o próprio nível de exigência que era cobrado dos alunos conferiam um caráter inovador ao curso,.

Além das atividades didático-pedagógicas propiciadas pela cadeira de Moderna e Contemporânea, a própria relação de Maria Yedda com seus alunos era um novo elemento para ressaltar a sua importância nos quadros dos professores da FNFi. Ainda nas palavras de Alzira, Maria Yedda tinha grande capacidade de aglutinar pessoas, de promover encontros e conversas entre seus alunos, mas isso nunca teve nada a ver com manipulação política, como alguns insinuavam na ocasião.

Heloísa Fesch Menandro¹³ ingressou na FNFi um pouco mais tarde, em 1960, terminando o curso em 1963. Foram anos de intensa polarização política-ideológica no país, com reflexos diretos na universidade. A eleição e a renúncia de Jânio, a posse conturbada de Jango e a luta pelas reformas de base estimularam os debates. O diretório acadêmico em constante

¹² Coordenadora do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro do CPDOC/FGV e diretora da Editora FGV.

¹³ Professora do Colégio Pedro II.

ebulição, com suas revistas, assembléias e congressos estudantis, expressava o contexto sócio-político do país, que os alunos desejavam conhecer e (re)construir.

A despeito de todos esses desafios, quase todos os cursos mantinham-se alheios aos anseios dos alunos e as mudanças em curso na sociedade brasileira. A cadeira de História Moderna e Contemporânea, liderada por Maria Yedda e seus assistentes Francisco Falcon, Hugo e Arthur Weiss, ainda que impossibilitada de tratar de temas brasileiros, era o espaço que permitia o debate, a discussão e a oferta de cursos com grande qualidade e seriedade.

Heloísa Menandro menciona cursos memoráveis dados por Francisco Falcon sobre a Evolução Interna da Europa de 1815-1870 e 1870-1914; Hugo Weiss, sobre Relações Internacionais Modernas e a própria Maria Yedda, “Oriente médio e assuntos petrolíferos”.

Ainda de acordo com o depoimento de Heloísa:

Os cursos e os professores da cadeira foram fundamentais para minha formação e, mesmo considerando a excelência de (quase) todos, foi sem dúvida a profa. Maria Yedda aquela “que me iluminou os caminhos da História” como lhe escrevi uma vez em dedicatória. Além da qualidade de seus cursos – sempre com enfoque analítico e crítico e usando um discurso que incluía inúmeras vezes o humor, o tratamento amistoso e carinhoso que dedicava aos alunos me atraía, incentivava e proporcionava enorme prazer nos estudos e nas aulas.

Era como se estivesse descobrindo o mundo e a História numa perspectiva de conscientização política e ideológica e não apenas informativa. Saída de cursos alienados e alienantes de História Antiga e Medieval, foi a Cadeira de Moderna e Contemporânea que me possibilitou dar entrada no processo de conhecimento propriamente dito – aquele que permite ver o mundo e a vida com outros olhos e outras leituras.

Janaína Amado¹⁴ ingressou no curso de História em 1965, logo após o golpe militar de 1964, num momento extremamente difícil e de grande polarização política, onde confrontavam-se os grupos progressistas de esquerda que aglutinavam alunos e professores que contestavam o regime e as forças afinadas com a ditadura lideradas pelo prof. Eremildo Viana, então diretor da faculdade¹⁵.

Mesmo nessa fase de grave crise política na universidade, onde reinava um clima de desconfiança e medo, o padrão de qualidade da cadeira de História Moderna e Contemporânea não caiu. Segundo Janaína Amado, os cursos de Maria Yedda e seus

¹⁴ Professora titular da Universidade de Brasília-UnB

¹⁵ Eremildo Viana foi diretor da Faculdade Nacional de Filosofia (1957-1959 e 1963-1965). Depoimento de Eremildo Viana. In: Faculdade Nacional de Filosofia (Depoimentos). P. 181-196.

assistentes “eram um bálsamo para os estudantes”. A chave do sucesso era a qualidade do ensino oferecido e a articulação entre os professores que atuavam na cadeira. Maria Yedda entrava para questionar as teses clássicas, para desarrumar as cabeças; depois, Falcon iniciava um processo de reorganização dos conteúdos em novas bases, proporcionando novas sínteses sobre os conhecimentos obtidos. Hugo Weiss aprofundava a base factual, enquanto o jovem assistente Ciro Flammarion Cardoso tinha uma preocupação mais teórica, voltada para a História Econômica. O time funcionava como uma orquestra afinada, em que cada um entrava na hora certa e no tom certo. Com essas características, a cadeira exerceu um papel fundamental de formação dos alunos por estimular o debate e alimentar os estudantes com novos textos e interpretações, mas sem manipulá-los politicamente.

*

* *

O sucesso e a visibilidade da cadeira de Moderna e Contemporânea, e da própria Maria Yedda, parecem ter sido seu maior ponto de fragilidade. Já em 1958 as críticas de Eremildo Viana às atividades daquela área eram crescentes. Nos anos seguintes, a radicalização política só fez esses conflitos se acirrare, deixando Maria Yedda vulnerável à marcha dos acontecimentos.

Ao extinguir as cátedras, a reforma universitária de 1968 de, no caso concreto da FNFi, teve o mérito de neutralizar o controle de Hélio Vianna sobre a área de História do Brasil, abrindo espaço para que Maria Yedda começasse a definir linhas de pesquisa em História do Brasil e a pensar numa pós-graduação. O AI-5, contudo, abortou esses projetos.

No início dos anos 1980, com a abertura política e a reintegração dos professores cassados, Maria Yedda retomou suas atividades docentes na UFRJ e passou a integrar o corpo docente da Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando, em ambas as universidades, na pós-graduação. Nesse momento, ela se engaja na organização de novas linhas de pesquisa inaugurando um novo momento em sua carreira.

De toda forma, Maria Yedda e a cátedra de História Moderna e Contemporânea já tinham marcado seu lugar na história e historiografia brasileira.

ANEXO

O curso de Geografia e História consta da seguinte seriação de disciplinas:

Primeira série

- I. História Antiga
- II. Geografia Física
- III. Geografia Humana
- IV. Antropologia

Segunda Série

- I. História da Idade Média
- II. Geografia Física
- III. Geografia Humana
- IV. Etnografia

Terceira Série

- I. História Moderna
- II. História da América
- III. História do Brasil
- IV. Geografia do Brasil
- V. Etnografia do Brasil

Quarta Série

- I. História Contemporânea
- II. História do Brasil

Disciplinas Eletivas

- Introdução à Ciência Histórica
- História da Civilização Ibérica
- Geografia Regional
- Geologia e Paleontologia
- Introdução à Topografia e à Cartografia

Fonte: Ata da Faculdade Nacional de Filosofia de 15 de outubro de 1946.

Referências bibliográficas

- BOMENY, Helena Maria Bousquet. *Newton Sucupira e os rumos da educação superior*. Brasília, Paralelo 15. Capes, 2001.
- CHARLE, Christophe. *La République des universitaires (1870-1940)*. Paris Seuil, 1994.
- FÁVERO, Maria de Lourdes. *Faculdade Nacional de Filosofia (Depoimentos)*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, Proedes, 1992.
- FÁVERO, Maria de Lourdes. *Universidade do Brasil: das origens à construção*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. "Os professores franceses e o ensino da história no Rio de Janeiro nos anos 30". In: *Ideais da modernidade e sociologia no Brasil: ensaios sobre Luiz Costa Pinto/ org. Marcos Chor Maio e Gláucia Villas Bôas*. Porto Alegre. Ed. Universitária/UFRGS, 1999.
- KEYLOR, Willian. *Academy and community: the foundation of the french historical profession*. Cambridge, Massachusetts. Havard University Press.
- REZNIK, Luis. *Tecendo o amanhã. A história do Brasil no ensino secundário: programas e livros didáticos. 1931-1945*. (Dissertação de mestrado) UFF, Niterói, 1992.
- WEISZ, George. "L' ideologie republicaine et les sciences sociales". *Les durkheimiens et la chaire d'histoire d'economie sociale à la Sorbonne*. *Revue Française de Sociologie*, XX, 1979, 83-112.